

viver a sua vida; do contrário, tempo vem em que se arrepen-
derá muito. Creia-me.

E tomou mais um gole de "brandy", o que talvez fosse
para ela uma forma de arrependimento.

— Mas será que não vivo a minha?

— Não; a meu ver, não. Clifford devia levá-la para
Londres e proporcionar-lhe passeios. Dar-lhe liberdade. O
gênero de amigos que tem é muito bom para ele, não para
você. Se fosse você, procuraria outra coisa. Vai deixar pas-
sar a juventude — e gastará a velhice, e a idade madura
também, a lamentar-se.

E a grande dama recaiu num silêncio contemplativo,
acalmada pelo gole de "brandy".

Mas Constance não tinha nenhum desejo de ir a Lon-
dres para ser introduzida nas rodas elegantes por Lady Ben-
nerley. Sentia-se pouco dotada para as elegâncias sociais.
Nada disso a interessava. Alcançava muito bem a frieza ani-
quilante que há nesse alto mundo. O solo do Labrador flo-
resce na superfície, mas é gelado a um pé de fundo.

Tommy Dukes estava em Wragby, com Harry Winter-
slow, Jack Strangeways e Olive, mulher deste. A conver-
sação arrastava-se muito menos animada do que quando lá
se reuniam os velhos companheiros de Clifford. Todos se
aborreciam e disfarçavam os bocejos fastidiosos. O tempo
péssimo não os deixava sair. Distração única, o bilhar e a
dança ao som da pianola.

Olive lia um livro sobre o futuro, tempo das crianças
cultivadas em garrafas e das mulheres "imunizadas".

— Muito bom negócio, comentou ela. Poderemos en-
tão viver nossa própria vida.

Strangeways desejava filho e ela não.

— Gostaria de ser imunizada? — perguntou Strange-
ways, com um feio sorriso.

— Creio que já o sou, "naturalmente", confessou Oli-
ve. De toda a maneira, o futuro será mais razoável que o
presente, com as mulheres não mais estragadas pelas suas
"funções".

— Talvez se evaporem completamente no espaço, dis-
se Tommy Dukes.

— Acho que uma civilização digna desse nome deve eli-
minar todas as nossas fraquezas físicas, ajuntou Clifford.
Toda a maquinaria do amor, por exemplo, poderia desapa-
recer — e desaparecerá, quando cultivarmos as crianças em
garrafas.

— Não! gritou Olive. Esse sistema apenas deixaria
mais lugar para a boa vida.

— A mim me parece, disse Lady Bennerley com ar
distante, que se o amor desaparecesse, qualquer outra coisa
tomaria seu lugar. Morfina, por exemplo! Um pouco de mor-
fina esparsa pelo ar. Seria maravilhosamente refrescante para
todo mundo.

— O governo espalhando éter no ar, aos sábados, para
assegurar alegres domingos! sugeriu Jack. Muito bem; mas
onde estaríamos nas quartas-feiras?

— Todos somos felizes quando podemos esquecer nos-
so próprio corpo, atalhou Lady Bennerley, mas quem tem
consciência do corpo é infeliz. Se a civilização vai servir para
alguma coisa, terá de nos ajudar a esquecer o nosso corpo
— e o tempo passará agradavelmente.

— Desembaracemo-nos inteiramente de nosso corpo! —
gritou Winterslow. É tempo de o homem aperfeiçoar a sua
natureza, sobretudo na parte física.

— Ah! se pudéssemos flutuar como o fumo do cigarro!
suspirou Constance.

— Não há perigo, disse Dukes. A velha comédia está
no fim; nossa civilização vai cair. Está caindo num poço sem
fundo, num abismo. Crede-me: a única ponte sobre esse abis-
mo será o falo!

— Vamos, General! Mais! Mais! gritou Olive.

— Sim, também creio que a nossa civilização vai ruir,
secundou tia Eva.

— E que virá depois? indagou Clifford.

— Não faço a menor idéia, mas sobreviverá qualquer
coisa, penso eu, disse a velha dama.

— Constance opina por seres semelhantes a romances de
fumo; Olive quer mulheres imunizadas e crianças em garra-